



## Uma análise de *Reso*, de Eurípides e da astúcia de Odisseu

Lilian Amadei Sais

Mestrado (USP)

Orientador: Prof. Doutor André Malta Campos (USP)

### Resumo

A tragédia *Reso*, cuja autoria é muito discutida, traz uma das versões do mito do rei trácio que dá nome à peça. Encontramos outra versão desse mesmo mito na *Iliada* de Homero, no também controverso Canto X, conhecido como Dolonéia. As duas narrativas formam um *corpus* excelente para quem quer investigar o tema da astúcia na Grécia antiga. Nosso trabalho de mestrado visa a entender de que maneira a astúcia da tragédia *Reso* se dá, comparando-a com a Dolonéia. Neste artigo, pretendemos fazê-lo através do papel que Odisseu desempenha na trama e da visão que as demais personagens têm dele e de sua conduta na guerra, comparando estas evidências com aquelas relacionadas a Dólón, o outro personagem astucioso da trama, e contrapondo ambos aos seus opostos na tragédia, *Reso* e Heitor.

**Palavras-chave:** Astúcia, *Reso*, Dólón, Odisseu, Humano x Divino.

### An analysis of Euripides' Rhesus and Odysseus Cunning Intelligence

#### Abstract

The tragedy Rhesus, whose authorship is a matter of controversy, brings one version of the Thracian king's myth after whom the play is named. One finds another version of the same myth in Homer's Iliad, at the also controversial Book Tenth, known as Doloneia. Both narratives form an excellent corpus to investigate the theme of cunning intelligence in Ancient Greece. My mastering research explores the ways in which cunning intelligence is presented in the Rhesus tragedy, by comparing it with the Doloneia. In this article, I intend to analyze briefly the role played by Odysseus in the plot and the way other characters view him.

**Keywords:** Cunning Intelligence; Rhesus; Dolon; Odysseus

Sabemos que o mito do rei trácio de nome Reso, filho de uma das Musas e do rio Estrimão, teve pelo menos três realizações literárias que se ocuparam dele: uma nos foi transmitida como parte da *Ilíada*, de Homero, e está situada no Canto X desse poema, conhecida como Dolonéia; a outra, a tragédia grega tema deste artigo; e, por fim, um poema de Píndaro. Este último nos chegou apenas em notícia, nos escólios do Canto X da *Ilíada*. Cabe destacar que os textos que nós temos, a Dolonéia e a tragédia *Reso*, são muito controversos e suscitam muitas discussões entre os helenistas no que diz respeito ao tema da autenticidade. Geralmente acredita-se que nem a Dolonéia seria de fato um trecho legítimo da *Ilíada*, nem a tragédia *Reso* seria obra de Eurípides. No entanto, no presente artigo não nos debruçaremos sobre essa questão, devido ao tempo limitado e ao recorte escolhido<sup>1</sup>.

Nos concentremos no mito de Reso: qual é a história que a peça e a *Ilíada* nos trazem?

Reso é o rei dos trácios, que se une tardiamente aos troianos, como amigo. Na *Ilíada*, trata-se de uma personagem muda: a história, contada do ponto de vista da tropa grega, nos mostra Odisseu e Diomedes indo fazer uma expedição noturna no campo inimigo, para tentar descobrir o que estava sendo planejado, quando eles notam a presença de um troiano, de nome Dólón, que havia sido enviado por Heitor como espião para fazer o mesmo tipo de sondagem do lado dos gregos. A dupla aquéia arma com facilidade uma emboscada na qual captura o inimigo; inicia-se um interrogatório por parte de Odisseu e Diomedes, e sem que eles tenham que perguntar muitas coisas Dólón lhes informa sobre o posicionamento das tropas e sobre a chegada de Reso, que juntamente com os demais trácios encontrava-se afastado dos demais. Em seguida, Dólón descreve os cavalos magníficos de Reso, mais alvos do que a neve, símeis ao vento em corrida (v.437), o carro ornado com

---

<sup>1</sup> Trata do tema da autenticidade de *Reso* de maneira muito completa RITCHIE, W. (1964).

ouro e prata (v.438) e a couraça grandiosa que o próprio rei vestia, “causa de espanto aos olhos” (v. 439). Seguindo as coordenadas dadas por Dólón, que foi morto em seguida pela dupla, Odisseu e Diomedes localizam em meio à escuridão da noite o acampamento trácio e encontram todos dormindo; assim, facilmente matam Reso enquanto ele, por *mêtis* de Atena, exatamente sonhava que Diomedes o estava matando. Como espólio, levam os fabulosos cavalos, não mais mencionados no poema.

Dessa maneira, a história de Reso nos é contada na Dolonéia sem que o próprio Reso nos diga uma palavra sequer: tudo o que sabemos a seu respeito vem do covarde e falante Dólón, que delata a vinda dos trácios sem ter sido sobre isso interrogado, e da descrição da cena da morte do rei, na qual ele está dormindo e, portanto, inativo.

Na tragédia *Reso*, o ponto de vista é o do inimigo dos gregos. A história, contada sob o olhar troiano, inclui, no segundo episódio, a descrição da chegada de Reso feita por um mensageiro, homem do campo, a Heitor. Essa descrição é bastante semelhante à descrição feita por Dólón na *Ilíada*, no sentido do destaque dado à grandiosidade do rei – o mensageiro diz que viu Reso que ali estava “como um deus” (v. 301) e diz, também, que Aquiles não conseguirá nem vencer Reso lutando com a espada, nem fugir dele (vv. 314-316).

Em seguida, no terceiro episódio, Reso chega ao palco, age e fala por si: diferente do que ocorre em *Il.X*, aqui vemos o rei segundo ele mesmo, e não segundo os olhos de outros. Heitor não se mostra acolhedor, pois diz a Reso que ele, tendo sido chamado pelos amigos, nem foi à guerra, nem ajudou, e relembra ajudas anteriores que ele, Heitor, havia proporcionado a Reso.

O que mais nos interessa nesse debate estabelecido entre Heitor e Reso é a oposição que claramente se forma, na visão deles, entre caráter heróico, de um lado, e astúcia, de outro: Heitor, insinuando que Reso não possui caráter heróico, define a si mesmo como homem que fala sempre a verdade e que não possui natureza dupla (vv.394-395), como que querendo, por contraste, definir a Reso como homem que não fala a verdade e que possui natureza dupla. Reso, por sua vez, logo que Heitor termina a sua longa fala, define-se a si mesmo também como homem de falas direitas e não de natureza dupla (vv. 422-423). Os dois, portanto, definem-se como homens que dizem a verdade com clareza, sem rodeios de fala, e que agem de uma única maneira. São, na fala e nas ações, heróis sem artimanhas e sem subterfúgios. As características de ambos evocam o Aquiles do Canto IX da *Iliada*, que na famosa cena da embaixada diz que se impõe a ele que ele diga as suas palavras claramente e que lhe é odioso aquele homem que esconde uma coisa na mente, mas diz outra (vv. 309 e 312-3)<sup>2</sup>. Assim, o Heitor e o Reso dessa tragédia assemelham-se ao Aquiles da épica, e imediatamente se opõem a um outro perfil de herói: aquele de Odisseu.

Reso diz a Heitor que quer ser posicionado diante de Aquiles, para enfrentá-lo no campo de batalha, e Heitor lhe responde que Aquiles não mais guerreia entre os gregos, devido a contendas com os chefes de seu exército. Sem hesitar, Reso pergunta a Heitor quem seria aquele de maior fama, depois de Aquiles, e Heitor cita Ájax, Diomedes, e em seguida diz o que segue (499-509):

Há também a espertíssima  
forjadura, Odisseu, em suas resoluções audacioso o bastante,  
e é o homem que mais insultou essa terra:

---

<sup>2</sup> Existe uma grande discussão sobre qual seria a intenção de Aquiles nesse discurso e sobre a possível ironia existente na fala do Pelida, pois dela pode-se inferir que ele esteja querendo dizer, na verdade, o oposto do que está sendo dito, já que o seu discurso é visivelmente muito bem urdido, destacando-se dos demais discursos de //IX. Para a apreciação de comentários sobre o tema, ver MALTA (2006: 160), WERNER (2003: 119).

ele que foi ao templo de Atena, à noite,  
roubou a estátua e a carregou às naus dos Argivos.  
Depois, mendigo, com vestes maltrapidas  
adentrou os muros, e muitas maldições aos Argivos  
desejava, enviado como espião a Ílion!  
Matando os sentinelas e os guardiões dos portões,  
saiu. Sempre em emboscadas se encontra  
pelo altar Tímbreo perto da cidade,  
sentado. Lutamos com um malvado temível.

A resposta de Reso a um retrato assim feito de um homem de ardis vem em seguida (v.510-517):

Nenhum homem corajoso é capaz de às ocultas  
matar o inimigo, mas sim indo cara a cara.  
Esse que tu dizes que se põe em emboscada em assentos furtivos  
e que maquina, com vida o agarrando eu  
nos portões de saída a espinha traspassada  
colocarei para os abutres voadores como banquete.  
Quem é ladrão e dos deuses os templos  
despoja merece morrer desta sorte.

De pronto, chama à atenção a seleção de fatos feita por Heitor para caracterizar Odisseu: ele escolhe justamente a ida do herói como mendigo a Tróia e o roubo do Paládio, eventos que figuram entre as suas proezas astuciosas, narradas em poemas onde a *mêtis* é parte da convenção literária, como a *Odisséia* e os cíclicos. Assim, o autor consegue realçar as partes do lado ladino de Odisseu, invocando a figura de seu avô materno, Autólico, homem de juramentos falaciosos, disfarces e roubos<sup>3</sup>. Vale lembrar que Odisseu tem uma descendência duvidosa por

---

<sup>3</sup> Autólico é mencionado em *II X*, de passagem (v. 267), mas é em *Od XIX*, vv. 392-466, que o poeta se ocupa mais detidamente dele.

parte de mãe (ligada a Autólico e mesmo a Hermes) e honrada e respeitável por parte de pai. Portanto, se dentro da poesia épica é o lado paterno de Odisseu que se explora, aqui é o lado materno que se sobressai. De uma ou de outra maneira, Odisseu, contendo em si esses dois lados, abre as portas para que os autores líricos e trágicos explorem seu caráter da maneira que lhes agrade, seja segundo o gosto pessoal do autor, seja segundo a técnica narrativa que ele deseja empregar em seu texto, seja segundo a moral predominante em sua época: Odisseu sempre será o herói atípico, conforme cunha Stanford (1963), reunindo em si dois lados aparentemente opostos.

A fala de Reso em resposta a Heitor também é muito forte, mesmo em contexto bélico, onde sabemos que, via de regra, há uma trégua estabelecida ao final de cada dia de batalha para que cada lado recolha os seus cadáveres e lhes prestem os devidos ritos funestos. Na visão de Reso, um homem que tenha realizado os atos que Odisseu realizou não merece uma morte honrada, mas sim ultrajante – é isso que ele deixa claro nessa fala.

Essa visão de astúcia como artimanha condenável não é semelhante àquela que encontramos no Canto X da *Iliada*. Lá, o que se vê é um combate de astúcias: a astúcia grega, de um lado, representada por Odisseu e Diomedes, e a astúcia estulta dos troianos, representada na figura de Dólón. Enquanto os gregos se mostram vigilantes<sup>4</sup>, prudentes<sup>5</sup>, preocupados com a obtenção do bem comum e da conseqüente glória (*kléos*)<sup>6</sup> e realizam as suas ações com o aval divino da deusa Atena<sup>7</sup>, Dólón se mostra soberbo, preocupado apenas com os presentes que ganharia por realizar a expedição, cobiçando os cavalos de Aquiles (v.302-327), excesso do

---

<sup>4</sup> *II*X, vv. 1-4, 180-182, 192-193.

<sup>5</sup> *II*X, vv. 220-226, 242-251

<sup>6</sup> *II*X, vv. 204-213, 39-41

<sup>7</sup> *II*X, vv. 274-276

qual Odisseu ri, dizendo a Dólón que ele desejava cavalos que jamais conseguiria domar (v. 401-405)! Além disso, na cena da emboscada propriamente dita, quando a dupla se encontra com Dólón, enquanto Odisseu e Diomedes avançavam cautelosamente escondendo-se pela noite, Dólón avança insensatamente (v. 350) correndo pela estrada, presa fácil para os atentos olhos aqueus, que permitem que o troiano passe por eles para então, surgindo por detrás de Dólón, ele esteja encurralado entre os dois e as naus gregas, sem opção de fuga. Além disso, Diomedes atira a sua lança não para matá-lo, mas sim para provocar nele o temor suficiente para que ele pare de correr: a lança passa rente ao ombro e logo (v.374- 6) Dólón, “todo em pânico, põe-se a tiritar, com os dentes batendo na boca, tinteando, verde de medo”. Ele implora pela sua vida, culpa Heitor por tê-lo persuadido a meter-se em tal empreitada e sem que os aqueus tenham que fazer muitas perguntas, fornece uma série de informações que culminam na morte de Reso. Vale lembrar que os aqueus nem sabiam da chegada do trácio à Tróia. O que vemos na *Ilíada*, portanto, é o embate de duas astúcias: a dos gregos é heróica, e a dos troianos, anti-heróica. Triunfa a astúcia heróica, prudente, realizada com a participação do divino para a obtenção do bem comum e da decorrente glória dos seus realizadores: Odisseu e Diomedes.

No caso da tragédia, é bastante diferente. Primeiro, como já destacamos, a caracterização de Odisseu, feita por Heitor, por Reso e também pelo coro é negativa. Aliado a isso, está o fato de a participação de Diomedes ser completamente secundária: o símbolo da astúcia grega é Odisseu. É dele que falam os inimigos quando se referem às astúcias anteriores e à presente. O filho de Tideu é apenas brevemente mencionado pela Musa, mãe de Reso, na cena em que ela lamenta a morte do filho.

Essa diminuição de importância no papel de Diomedes com relação ao episódio épico também parece apontar para uma visão mais negativa de astúcia nessa

tragédia: ora, Diomedes é um herói predominantemente conhecido pela sua força e pelo seu desempenho no confronto direto. Na épica ela se mostra como capaz, apesar de atuar no campo da força, de realizar suas astúcias, geralmente ao lado de Odisseu, sendo por ele ajudado, mas sempre demonstrando cautela e capacidade de antecipação. Essa ambivalência heróica, da qual Diomedes se aproxima na *Ilíada*, não ocorre com nenhum personagem em *Reso*. Parece, pois, que a diminuição no papel de Diomedes na tragédia é uma tentativa de condenar a astúcia deixando de fora aquele que, embora dela também possa participar em outro gênero, aqui deve ser lembrado apenas pela força, sendo simplesmente par de Heitor, Reso e do Aquiles homérico. Salva-se, portanto, a reputação do Tídeu<sup>8</sup>.

Assim, além de Odisseu, resta, como personagem humano ardiloso, apenas Dólón, apresentado na tragédia como um homem um pouco mais próximo à astúcia. Ele não recebe julgamento de nenhuma parte, mas não podemos nos esquecer de que, apesar de a peça não abordar o fato, Dólón traiu os seus aliados, dando a senha do exército troiano para a dupla aquéia. É só por possuir essa senha, *Febo*, que Odisseu e Diomedes conseguem escapar com vida do acampamento troiano após terem matado Reso. Podemos, deste modo, inferir que a sua atuação também contribua para uma visão negativa de astúcia, pois embora não saibamos como foi o encontro dele com os outros aqueus, sabemos que ele forneceu informações dos seus aos inimigos.

Além disso, a longa cena de lamentação da Musa e o seu desespero de mãe também fazem parecer odiosa aos olhos a morte de Reso, morte indesejada em todos os aspectos, posto que trata-se de uma morte sem glória, como destaca o condutor

---

<sup>8</sup> Embora saibamos, pelo diálogo de Diomedes com Odisseu no quarto episódio, que é Diomedes quem deferiu o golpe fatal em Reso, todos os personagens posteriores referem-se ao culpado humano da morte do trácio como sendo Odisseu; mesmo a Musa, que tudo sabe, apesar de citar os dois refere-se ao astucioso mais vezes e com maior ênfase.

de cavalos. Mas se é essa a representação dos astutos que encontramos na tragédia, qual é a caracterização que encontramos de seus opostos?

Heitor e Reso pecam pela falta de qualidades pertencentes ao campo da astúcia: eles demonstram não possuir instinto, sagacidade, previsão, sutileza, desenvoltura, vigilância, oportunismo – qualidades inerentes a um homem de *mêtis*. Heitor interpreta erroneamente todos os sinais que lhe chegam: quando o coro lhe avisa, no início da peça, que os gregos acendem fogos, ele imediatamente cogita que eles estão pondo-se em fuga, quando na verdade eles estavam preparando-se para matar a ele próprio, em uma incursão noturna; quando o mensageiro vai até ele, para anunciar-lhe a chegada de Reso, ele pensa que o camponês ali estava para falar sobre os animais e o desdenha. Por toda a peça temos sinais de que ambos desconhecem o presente e o futuro próximo, incapazes de interpretar os dados que são postos diante deles. Mas se, por um lado, Reso perece por falta de astúcia, o que a astúcia em si, por outro lado, garante aos homens na peça?

De todas as tentativas de astúcia provenientes do lado humano que a peça traz, nenhuma de fato se concretiza. Nota-se, portanto, que por mais que se trate de uma narrativa ambientada na guerra, em que lados opostos tentam triunfar um sobre o outro, aqui o fracasso de um não resulta, necessariamente, no triunfo do outro. Dólón não consegue espionar os gregos, os gregos não conseguem matar Heitor; a única astúcia que triunfa é aquela que é computada pelo plano divino, pela deusa Atena: a morte de Reso, junto com aquelas astúcias que decorrem dessa – a de Odisseu sobre o exército inimigo e a da própria deusa sobre Páris. Da mesma maneira, também os planos do âmbito da força não se realizam: Heitor não encontra os gregos fugindo nem os aniquila, antes é alvo dos gregos e terá sua cidade arruinada; Reso não destrói sozinho todos os gregos, mas sim é assassinado logo após a sua chegada.

Na peça, embora a visão de astúcia seja consideravelmente negativa, isso não implica, por exemplo, em um triunfo da força sobre a astúcia; não há um âmbito

(força ou astúcia) ou um lado (grego ou troiano) que se mostre mais eficaz que o outro; todos os desejos e ilusões que partem do plano humano se frustram: nenhum personagem humano consegue, ao final da peça, ter realizado aquilo que pretendia no início. Ambos os lados sofrem uma sucessão de desilusões e frustrações em seus planos. O autor consegue, dessa maneira, antes de falar de gregos ou de troianos, de amigos ou de inimigos, falar do humano e da sua limitada condição ante ao divino: ilusões desfeitas, aquilo que fica é apenas o lamento desesperado de uma mãe que perde seu filho e a certeza de mais uma ilusão vã, mais uma esperança que sabemos que será frustrada, na última fala de Heitor na peça, onde ele dá as seguintes instruções ao coro (vv. 986-992):

Ide, aos aliados que se armem rapidamente  
ordenai, e que arriem os pescoços das duplas de cavalos.  
Com as tochas devem esperar da etrusca  
trombeta o som. Que tendo isso, estou convencido a  
além da barreira e do muro dos aqueus, contra as naus  
o fogo lançar, e para os troianos um dia de liberdade  
o próximo raio de luz do sol traz.

O movimento circular da obra parece claro: a guerra continua, as ilusões se reproduzem repetida e perpetuamente. A sua ironia é aguda: o personagem que desdenha do valor heróico da astúcia é morto por meio da própria astúcia. A eficiência da ação astuciosa não eleva o status da *mêtis*, antes nos aponta, mais uma vez, a limitada condição do humano, lançando-lhe uma luz pessimista e desesperançada: triunfa a astúcia, mesmo sendo insistentemente referida, durante toda a tragédia, de modo pejorativo.

## Bibliografia

- ASSUNÇÃO, T.R. *Diomède le prudent: contingence et action héroïque dans l'Iliade*. Thèse pour obtenir le grade de docteur. Paris: L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2000.
- BOND, R.S. "Homeric Echoes in Rhesus." *American Journal of Philology* 117 (1996) pp 255-273.
- DAVIS, A.R.; KENNEDY, E.C. *Euripides: scenes from Rhesus and Helen*. London: Bristol Classical Press, 1998.
- DETIENNE, M. & VERNANT, J.-P. *Les ruses de l'intelligence: la mètis des grecs*. Paris: Flammarion, 1974.
- DUÉ, C. e EBBOTT, M. Oral poetics and the Homeric Doloneia. *Classics@: An Online Journal*, Center for Hellenic Studies, 2007. Disponível em: <[http://chs.harvard.edu/chs/oral\\_poetics\\_and\\_the\\_homeric\\_doloneia](http://chs.harvard.edu/chs/oral_poetics_and_the_homeric_doloneia)>. Acesso em: 17 de outubro de 2008.
- FENIK, B. *"Iliad X" and the "Rhesus": The myth*. Bruxelles-Berchem: Latomus, 1964.
- HOMERO. *Iliada*. [Trad. Frederico Lourenço.] Lisboa: Ed Cotovia, 2005.
- JOUAN, F. *Euripide – Tragédies*, Tome VII, 2a. partie. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- KIRK, G. (ed.) *The Iliad: a commentary*. 6 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1985-1993.

- KOVACS, D. *Bacchae, Iphigenia at Aulis, Rhesus*. London: Loeb Classical Library, 2002.
- MALTA, A. *A selvagem perdição: erro e ruína na Ilíada*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- RITCHIE, W. *The authenticity of the Rhesus of Euripides*. New York: Cambridge University Press, 1964.
- STAGAKIS, G. Dolon. Odysseus and Diomedes in the Doloneia. *Rheinisches Museum für Philologie*, 130/3-4, 1987, p.193-204
- STANFORD, W. B. *The Ulysses Theme: a study in the adaptability of a traditional hero*. 2 ed, United States: The University of Michigan Press, 1963.
- WERNER, C. *Manobras Poéticas entre a Ilíada e a Odisséia: o caso de Odisseu*. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.



Recebido em Fevereiro de 2010  
Aprovado em Abril de 2010